



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA II**

JANINY CRUZ DE OLIVEIRA

MULHERES EM QUADRA: ENTRE RESISTÊNCIAS E ESTEREÓTIPOS

**JOÃO PESSOA/PB
2021**

JANINY CRUZ DE OLIVEIRA

MULHERES EM QUADRA: ENTRE RESISTÊNCIAS E ESTEREÓTIPOS

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

ORIENTADOR (A): DR. Marcello Fernando Bulhões Martins

JOÃO PESSOA/PB

2021

JANINY CRUZ DE OLIVEIRA

MULHERES EM QUADRA: ENTRE RESISTÊNCIAS E ESTEREÓTIPOS

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Aprovada em: 09 / 07 / 2021

BANCA EXAMINADORA



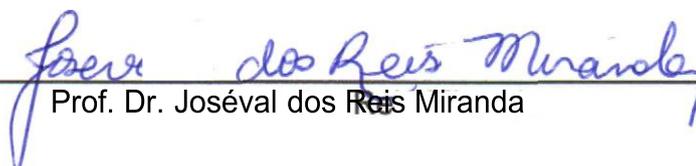
Prof. Dr. Marcello Fernando Bulhões Martins
Mat. Siape 1126063

Orientador Prof. Dr. Marcello Fernando Bulhões Martins – UFPB



Edna G. de G. Brennand

Profa. Dra. Edna Gusmão de Góes Brennand



Prof. Dr. Joséval dos Reis Miranda

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e

O48m Oliveira, Janiny Cruz de.

Mulheres em quadra : entre resistências e estereótipos / Janiny Cruz de Oliveira. - João Pessoa, 2022.

59 f.

Orientação : Marcello Fernando Bulhões Martins. Monografia
(Graduação) - UFPB/CCS.

UFPB/CCS

CDU 796-055

Classificação

*A minha Mãe, por todo amor e
carinho. Dedico.*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida e por ter me guiado ao longo desses anos.

Agradeço a minha família, em especial a minha Mãe, Teresa Cristina, e as minhas irmãs, Janaina e Janielly, por todo o apoio, confiança e amor que tem me dedicado ao longo da minha vida. Agradeço ao meu Avô, apesar de não estar mais aqui neste plano terrestre, me ensinou a não desistir dos meus sonhos. Minha saudade eterna, Vô.

Agradeço também a Marianna, amiga de luta de TCC, obrigada por toda vez que você me ajudou e me incentivou no desenvolvimento deste projeto. Agradeço a todos os meus amigos que me incentivaram direta e indiretamente ao longo da minha vida, obrigada por tudo.

E eu quero muito agradecer a mim, por não ter desistido de tudo, apesar de todas as adversidades que a pandemia trouxe.

Agradeço ao meu Professor e Orientador Marcello Bulhões, obrigada por todo o apoio!

A todos vocês, meus sinceros, Muito Obrigado!

“No dia que for possível à mulher amar-se em sua força e não em sua fraqueza; não para fugir de si mesma, mas para se encontrar; não para se renunciar, mas para se afirmar, nesse dia então o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal.”

(Simone de Beauir)

RESUMO

A mulher está sempre vivendo na sombra do estereótipo da fraqueza, onde é vista como símbolo de fragilidade, com isso eram recomendadas a praticarem atividades que fossem tidas como feminina para estimular sua elegância. Por escolherem praticar esporte tipicamente masculino, as mulheres são masculinizadas e sofrem muitos preconceitos, pelo esporte escolhido, por suas vestimentas, seu modo de agir. Entretanto, para as mulheres, o âmbito esportivo se apresenta como um lugar de resistências, estereótipos e empoderamento. Com isso, o presente estudo teve como objetivo compreender a presença de estereótipos sexistas existentes nas modalidades esportivas de Futsal e Voleibol Feminino na cidade de Joao Pessoa/PB. É incontestável visibilidade do desporto, em suas mais distintas dimensões e culturais. Mas, no momento em que se discutem as relações do esporte e mulher é notório o desmerecimento do papel feminino diante do mundo esportivo. Caracterizado com uma pesquisa de natureza qualitativa com a tipologia de estudo descritiva e com o corte transversal. O procedimento metodológico organizou-se na sistematização foram aplicados questionários e entrevistas, para a análise das informações obtidas foi utilizada a Técnica de Análise de Discurso (AD). O universo da pesquisa foi composto por 20 atletas, sendo 10 atletas de futsal e 10 atletas de voleibol feminino da cidade de João Pessoa/PB, com a faixa etária de 18 até 35 anos de idade. Para a coleta de dados foram feitas entrevistas e questionários, utilizando as plataformas Google Forms e Google Meet. Por motivos de pandemia mundial da Covid-19, todas as entrevistas foram realizadas virtualmente. Acreditamos que apesar de todos os enfrentamentos sociais, preconceitos e estereótipos de gênero relatados em seus discursos, sofridos pelas mulheres atletas, a prática esportiva feminina vem se tornando cada vez mais popular e seu preconceito será superado neste país. A mulher atleta é o símbolo da mulher moderna da atualidade com determinação e garra para superar os encontros e discriminações, buscando ultrapassar seus limites e romper os paradigmas dos antigos padrões e papéis sociais a estas impostas. E esta é uma luta constante quer seja numa quadra ou na vida.

Palavras Chave: Mulher no esporte; Estereótipos; Preconceito; Futsal e Voleibol feminino.

ABSTRACT

Women are always living in the shadow of the stereotype of weakness, where they are seen as a symbol of fragility, thus they were recommended to practice activities that were considered feminine to stimulate their elegance. By choosing to practice typically male sports, women are masculine and suffer many prejudices, for the chosen sport, for their clothing, their way of acting. However, for women, the sporting environment presents itself as a place of resistance, stereotypes and empowerment. Thus, this study aimed to understand the presence of sexist stereotypes existing in the sports modalities of Futsal and Women's Volleyball in the city of Joao Pessoa/PB. There is undeniable visibility of sport, in its most distinct dimensions and cultural aspects. However, at the moment when the relationship between sport and women is discussed, the unworthiness of the female role in the sporting world is notorious. Characterized with a research of a qualitative nature with the typology of descriptive study and with a cross-section. The methodological procedure was organized in the systematization, questionnaires and interviews were applied, for the analysis of the information obtained, the Discourse Analysis Technique (AD) was used. The research universe was composed of 20 athletes, 10 of them futsal athletes and 10 female volleyball athletes from the city of João Pessoa/PB, aged between 18 and 35 years old. For data collection, interviews and questionnaires were carried out, using the platforms Google Forms and Google Meet. Due to the Covid-19 worldwide pandemic, all interviews were conducted virtually. We believe that despite all the social confrontations, prejudices and gender stereotypes reported in their speeches suffered by women athletes, female sports practice has become increasingly popular and their prejudice will be overcome in this country. The athlete woman is the symbol of today's modern woman with determination and determination to overcome confrontations and discrimination, seeking to exceed their limits and break the paradigms of the old patterns and social roles imposed on them. And this is a constant struggle whether it's on the court or in life.

Palavras Chave: Woman in sport; Stereotypes; Preconception; Futsal and Women's Volleyball.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização por gênero e faixa etária das participantes da pesquisa.....	30
Tabela 2. Classificação do tempo de experiência no Futsal e Voleibo....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Esporte praticado.....	31
Gráfico 2: Grau de formação escolar.....	32
Gráfico 3: Orientação Sexual.....	33
Gráfico 4: Apoio Afetivo.....	38
Gráfico 5: Futsal.....	39
Gráfico 6: Voleibol.....	39
Gráfico 7: Enfrentamento Social.....	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral	14
2.2 Objetivos Específicos.....	14
3 MARCO TEÓRICO	15
3.1 A MULHER NO ESPORTE.....	15
3.2 História do Futsal.....	16
3.2.1 Futsal No Brasil	17
3.2.2 Futsal Feminino.....	18
3.3 Voleibol Feminino.....	19
3.4 As Relações de Gênero no Esporte	20
3.5 Estereótipo, Sexismo e Sororidade	21
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
4.1 Caracterização da Pesquisa.....	23
4.1.1 Pesquisa Descritiva	23
4.1.2 Pesquisa Qualitativa.....	23
4.1.3 Corte Transversal.....	24
4.2 Universo de Pesquisa / Sujeitos da Pesquisa	25
4.3 Critérios de Inclusão.....	25
4.4 Critérios de Exclusão.....	25
4.5 Instrumentos de coleta dos dados.....	25
4.6 Procedimentos de coleta de dados	26
4.7 Desing de análise de dados	26
4.8 Cuidados Éticos.....	28
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	29
6 CONSIDERAÇÃO FINAL.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES I.....	52
APÊNDICE II.....	54

1 INTRODUÇÃO

É bem sabido que o esporte tem evoluído e se tornado cada vez mais um fenômeno global nos últimos anos. Entretanto, para as mulheres, o âmbito esportivo se apresenta como um lugar de resistências, estereótipos e empoderamento. É incontestável a visibilidade do esporte, em suas mais distintas dimensões e culturais. Mas, no momento em que se discutem as relações do esporte e mulher é notório o desmerecimento do papel feminino diante do mundo esportivo.

Para as mulheres as oportunidades de acesso às práticas corporais, ora no esporte de alto rendimento, na educação física escolar ou no lazer, comparada as homens são escassos quando se refere ao estímulo e incentivo à prática esportiva. Entre outras palavras, no decorrer dos anos os suportes, as possibilidades, as visibilidades e relações de poder concedidas a mulheres e homens são extremamente diferentes, ora como atletas, na administração ou na gestão do esporte.

Segundo Romero (1995), durante muito tempo o homem vem como um ser apontado para o mundo, com espaço amplo nas áreas de atuação profissional, culturais e física, já as mulheres tinha e tem sua atuação mais limitada e focada na vida familiar e na doméstica.

A mulher está sempre vivendo na sombra do estereótipo da fraqueza, onde é vista como símbolo de fragilidade, com isso eram recomendadas a praticarem atividades que fossem tidas como feminina para estimular sua elegância. Por escolherem praticar esporte tipicamente masculino, as mulheres são masculinizadas e sofrem muitos preconceitos, pelo esporte escolhido, por suas vestimentas, seu modo de agir. Segundo Bordo (1997), a busca da feminilidade “é ainda apresentada como o caminho mais importante de aceitação e sucesso para as mulheres em nossa cultura”. (p.33)

É evidente a importância da batalha contra a discriminação e preconceito que rodeiam as mulheres atletas, que buscam a aceitação da sociedade por suas escolhas esportivas. De acordo com Festle (1996), as mulheres esportistas em todo o tempo tiveram de enfrentar a discriminação social de duas formas: em primeiro, com suas características físicas diferenças eram tidas como incapaz para praticar o esporte que os homens; e, em segundo, que a prática esportiva deixava com aspectos masculinizados.

A sociedade questiona as escolhas das outras pessoas, julgam as mulheres atletas por escolherem praticar o futsal com base em critérios definidos socialmente para a feminilidade. Segundo Andersen (2000), “à pressão social que estabelece um tipo diferente de corpo, consistente com os padrões de gênero” (p. 70). A influência da sociedade sobre os indivíduos desempenha um papel grande sobre o autoconceito e a autoestima corporal das mulheres. A presença feminina nos desportos sempre foi carregada de obstáculos e proibições, bem como de batalhas e resistências durante toda a história.

De acordo com o contexto descrito, este estudo traz a questão de entender como se estabelecem os estereótipos e preconceitos de gênero, raciais e sociais nas modalidades esportivas de Futsal e Voleibol Feminino.

Segundo Oliveira (2008), a intolerância existente na prática do futsal feminino é apresentada inúmeras vezes, quer sejam: nos assuntos sobre gênero, no qual julga que mulheres não dominam o jogar bola por ser um esporte especificamente masculino; na questão da vestimenta relacionada às atribuições do gênero, com relação às atletas que usam roupas masculinas; e principalmente nas questões como a sexualidade, no qual as meninas que jogam futebol, futsal e/ou outros esportes tipicamente masculino, são estereotipadas como pouco femininas ou mesmo masculinizadas e homossexuais.

Em contrapartida, o vôlei é considerado um esporte de mulheres, mas traz uma construção de padrões onde as atletas têm que ser mais femininas, com suas vestimentas coladas no corpo, com movimentos delicados e as atletas que fogem a esse padrão dito pela sociedade sofrem preconceito e discriminações, por ter uma diferente forma de agir.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender a presença de estereótipos sexistas existentes nas modalidades esportivas de Futsal e Voleibol Feminino na cidade de Joao Pessoa/PB

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar os aspectos socioeconômicos culturais dos sujeitos da pesquisa;
- Identificar a diferença da percepção de gênero presente na mulher praticante de futsal e voleibol;
- Comparar as tipologias de preconceitos raciais, de gênero e de extrato social existente no âmbito do futsal e voleibol feminino;
- Desvelar a influência dos fatores sociais externos no cotidiano das atletas de futsal e voleibol feminino.

3 Marco Teórico

3.1 A Mulher no Esporte

Há séculos, a mulher era tida como um objeto decorativo e frágil. Tendo como exemplo, na Grécia antiga, a mulher era imposta à submissão e à obediência servil. As mulheres não podiam se envolver e nem assistir nada que dissesse respeito aos esportes competições. A proibição das mulheres estava citada no regulamento olímpico, que impedia a atuação delas em qualquer modalidade. Conforme interferência da Igreja, na Idade média, as mulheres continuavam proibidas de praticar qualquer tipo de esporte.

Durante anos, as mulheres tiveram de lutar muito para conquistar espaço nos esportes, pressionando para que as portas se abrissem, de modalidade em modalidade desportiva, de disciplina em disciplina. A presença feminina nos desportos sempre foi carregada de obstáculos e proibições, bem como de batalhas e resistências durante toda a história.

Apesar de todos os esforços, as mudanças aconteciam com lentidão e com isso passou-se vários séculos antes que elas pudessem alcançar o direito a prática esportiva. A prática de algumas modalidades foi liberada a partir do Renascimento. Mas, apenas nos jogos olímpicos de 1900 aconteceu a participação efetiva das mulheres nos esporte competitivo.

Segundo Alonso (2002), na década de 1960 o movimento feminista fez um questionamento sobre os papéis sociais, onde provou críticas aos pressupostos que as mulheres tinham que entregar-se unicamente a sua família, a casa e aprimorar sua feminilidade, foi então a partir desse questionamento que as mulheres começaram a se envolver mais em atividades esportivas.

Segundo Pinto (2010),

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. (p. 16)

De acordo com Bandeira e Melo (2010), “o movimento feminista nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexíssimo, contra as condições de aversão e inferiorização feminino, transformadas em práticas rotineiras de subordinação” (p.8). As alegações sexistas sempre tiveram contradições, buscaram privar as mulheres dos esportes por presumir que as atletas são frágl fisicamente, com intolerância a dor e pela ddiva da reprodução. Mas não pensaram que a própria ação de conceber requer coragem, força e envolve muita dor.

Hargreaves (2000) expõe que a figura da mulher desportiva não ameaça a feminilidade da mulher e nem sua identidade feminina na família ou na maternidade, muito menos preservaria traços de identidade masculina. Com isso, gera uma fascinante discussão sobre a desconstrução da feminilidade e masculinidade estereotipada.

A mulher como símbolo de modelo frágl, vem se tornando coisa do passado, especialmente no cenário esportivo. Nos dias de hoje, a tendência das mulheres é ultrapassar todos os limites físicos e emocionais no esporte, posicionando-se em pé de igualdade com atletas do sexo masculino. Como diz Camps (2001, p.22), “a desigualdade das mulheres continua a ser uma sentença meio suspensa sobre as nossas sociedades”. Infelizmente é realidade que o trabalho feminino é menos valorizado.

O esporte é sem dúvida um campo de empoderamento das mulheres, um ambiente de realização individual e coletiva e uma confirmação de independência física, com diferentes aspectos do que teriam para os atletas homens, com toda história de enftamento das mulheres contra o domínio patriarcal a cerca dos corpos femininos.

3.2 História Do Futsal

No ano de 1933 em Montevideu no Uruguai, foi criado o Futsal. Na Associação Cristã de Moços, o professor de Educação Física, Juan Carlos Cerini Gravier foi o criador da modalidade. Em depoimentos de professores, na década de 1930 a comitiva brasileira fez uma visita a Associação Cristã de Moços, os brasileiros gostaram dessa nova modalidade. (BELLO; SILVA e ALVES 2008).

Segundo BELLO; SILVA e ALVES (2008),

Esses brasileiros viram alunos jogando futebol como forma de recreação dentro de quadras de basquete, sem nenhuma regra específica, nem tampouco limite para o número de praticantes. Essa quantidade de cada equipe dependia do número de alunos disponíveis e com interesse em jogar. A busca por um espaço fechado e coberto provavelmente teria acontecido por conta das baixas temperaturas daquela região (p. 13).

O professor Juan Carlos, desenvolveu essa modalidade para ser praticada em ginásios das escolas do Uruguai. Deu-se o nome de Indoor-Football, em 1933 criou as primeiras regras derivadas do Handebol, Polo Aquático e do Basquetebol. (BELLO; SILVA, ALVES 2008).

De acordo com sua funcionalidade para prática em uma área reduzida, com um número mínimo exigido de jogadores em quadra, o Futsal vem se tornando o preferido entre os praticantes de esportes, vem se popularizando em diversos locais e alcançando seguidores em vários países.

3.2.1 Futsal No Brasil

O futsal teve início por volta de 1950 e no Brasil se desenvolveu por cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, teve seu nome alterado para futebol de salão (BELLO; SILVA, ALVES 2008).

Segundo BELLO; SILVA, ALVES (2008),

Nessa mesma época, no Brasil, a fim de organizar a modalidade, criam-se várias federações estaduais, sendo pioneira a federação Metropolitana de futebol de salão (atual federação de futebol de salão do estado do Rio de Janeiro), fundada em 1954, com sede no América Futebol Clube. Na sequência, fundam-se a Federação Paulista, em 1955, a Gaúcha, a Cearense e a Paranaense, em 1956. (p. 14).

Habib Maphuz foi o pioneiro na criação do primeiro regulamento da modalidade, quando estava viajando pelo Uruguai, ele teve a ideia, trouxe e apresentou para ACM de São Paulo. (BELLO; SILVA, ALVES 2008). Neste tempo os interessados em praticar o esporte cresciam, ocorrendo mais dificuldade para localizar quadras propícias para a realização das partidas. (ibidem).

Segundo, BELLO; SILVA, ALVES (2008),

Esponaneamente, a prática do futebol no Brasil transfere seus palcos para arenas fechadas, onde, no início, jogava-se com seis ou sete jogadores em cada equipe, podendo muitas vezes utilizar das paredes para tocar a bola. Em 1936, no Rio de Janeiro, Roger Grain

publicou normas e regulamentações para a prática do futebol de salão, na revista de educação física, n.6 (, p. 14).

Em 25 de Julho de 1971, surgiu a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), com o brasileiro João Havelange como o primeiro presidente da federação (BELLO; SILVA, ALVES 2008). Posteriormente a todos os eventos e fatos debatidos que a criação do jogo em quadras cobertas foi no Uruguai (BELLO; SILVA, ALVES 2008).

3.2.2 Futsal Feminino

Para a sociedade, o futsal feminino, todavia não teve o salto de inclusão, muito menos o futebol de campo, que até o momento vem sofrendo com o desrespeito e a ausência de suporte. (BELLO; ALVES 2008). Em janeiro de 1983, o Brasil teve o ponto de partida oficial no seu trajeto no futsal feminino. O Conselho Nacional de Desportos (CND) permitiu a realização da prática do futebol e do futebol de salão para as jogadoras e a FIFUSA autorizou em abril deste ano, essa prática por mulheres. (BELLO; ALVES 2008).

Sistematizar a modalidade e as competições recebe lugar, tornando-se em 1992, o primeiro evento oficial coordenado pela CBFS ocorreu no interior de São Paulo chamado Mairinque e tornou-se Taça Brasil de Clubes. (BELLO; ALVES 2008).

Em 2001, a CBFS criou um setor para administrar o futsal feminino, gerenciado por Inês dos Santos até o ano de 2004. Em dezembro de 2001, ocorreu a primeira convocatória para formar a Seleção Brasileira de Futsal Feminina (SBFF), para um duelo em dois jogos contra a seleção do Paraguai, em dois locais, Londrina e o outro em Cornélio Procópio, onde houve a vitória do Brasil nos dois jogos. (BELLO; ALVES 2008).

A Liga Feminina de Futsal foi criada em 2005, e atingiu 10 equipes participantes. Com a sua estreia em Londrina, em que ocorreram três partidas contra a Espanha, com os resultados de uma vitória e duas derrotas para o Brasil. (BELLO; ALVES 2008).

Em 2005, posteriormente aos amistosos, em São Paulo a cidade de Barueri se tornou a sede do I Campeonato Sul Americano de Futsal Feminino, onde o Brasil conseguiu ser campeão invicto e foi consagrado, seguidamente do Equador e Uruguai.

Independentemente de alguns obstáculos, acreditamos que o futsal consiga alcançar seu lugar no mundo disputado do Futebol, especialmente no futsal masculino, para que se tenham mais atletas femininas desfrutando dessa modalidade e privilegiadas com os benefícios a prática esportiva tem para oferecer. (BELLO; ALVES 2008).

No decorrer dos anos, a sociedade vem mudando muito o sua maneira e tendo consciência. Com um espetáculo dado nas olimpíadas anteriores os brasileiros compreenderam que as atletas existiam. (FRANCO, 2000). Confiamos em um ótimo início para que a prática venha se tornando cada vez mais popular e seu preconceito venha diminuindo no país, aonde possa ter uma divulgação e que seja inserida de forma incisiva nas escolas, na disciplina de Educação física com o treinamento de equipes femininas nas escolas, para que o futsal feminino na escola como uma possibilidade de acesso ao esporte independentemente de gênero.

3.3 Voleibol Feminino

Em 1895, o voleibol foi criado para ser uma prática de recreação para senhores em busca de lazer, que se reuniam em suas associações. A primeira modalidade esportiva coletiva a ser autorizada para participação com duas equipes feminina e masculina, foi o voleibol. Mas só em 1980 que ocorreu a primeira participação da equipe feminina brasileira.

Em 1980, havia dois grandes times masculinos de voleibol, contudo, o preconceito ainda era grande por se tratar de um esporte com caráter feminino. Neste período, ainda era fixado que nos colégios o futebol era um esporte específico para homens e para as mulheres era o voleibol, desta maneira caso um homem chegasse a desempenhar a prática do voleibol ou se uma mulher fosse praticar o futebol eram rotulados como homossexuais. (BELLO; ALVES 2008).

Com o tempo, a intolerância vem perdendo lugar para a fascinação com a chamada “geração de prata”, nos Jogos Olímpicos de 1984 em Los Angeles a seleção ganhou a primeira medalha no voleibol, com isso o esporte passou a ser visto de maneira diferente no Brasil.

3.4 As Relações De Gênero No Esporte

Para Nicholson (2000) na categoria gênero, devemos pensar o corpo, usando as palavras da autora: “mais como uma variável do que uma constante” (p.14). Scott (1995) ressalta que o gênero é percebido assim como uma categoria de análise que permite apreciarmos e analisarmos o que se estabelece por masculino e feminino, não como um dado, mas como construções culturais sobre as diferenças percebidas entre os sexos.

Scott (1995) estabelece que gênero seja como,

Um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornecem um meio de decodificar o significado e compreender as complexas formas de interação humana. (p.89).

Segundo Piscitelli (2002) vale destacar que,

Entre as décadas de 1920 e 1930 as mulheres conseguiram, em vários lugares, romper com algumas das expressões mais agudas de sua desigualdade em termos formais ou legais particularmente no que se refere ao direito ao voto, à propriedade e ao acesso à educação. (p.2)

As mulheres já alcançaram muitas conquistas e espaços no âmbito esportivo. Hoje as mulheres marcam presente em quase todas as modalidades esportivas, seja de maneira amadora ou de competição. No meio esportivo, especialmente em esportes como o futsal e o futebol, o contexto do preconceito, os bloqueios discriminatórios e a ignorância sobre o papel da mulher atleta no âmbito esportivo, ainda, é uma ocorrência muito comum de ser testemunhado.

De acordo com De Sousa & Altmann (1999); Knijnik & Vasconcellos (2003) e Capitano (2004), independentemente do amplo aumento de atuação feminina no meio esportivo, o cenário ainda hoje, é interposto por princípios masculinos com o perfil de mais musculoso, alto, rápido, com isso faz frequentemente, com que as mulheres que praticam o esporte, tornam-se vítimas de preconceitos, de indagações, de contradições, de discriminações, e de estereótipos, provenientes muitas vezes de seus próprios familiares, da sociedade como um todo e da mídia.

Apesar de existirem modalidades que as equipes femininas que representam internacionalmente, estas, não recebem o reconhecimento que merecem, principalmente quando comparadas as seleções masculinas (Kosaka,

2000). A mulher é taxada pela sociedade como incapaz de desenvolver-se física e intelectualmente, além de se manter numa luta incansável por sua independência e reconhecimento no meio social. Os homens são vistos como os fortes, donos do poder, e as mulheres são associadas principalmente a características emocionais.

3.5 Estereótipos, Sexismo e Sororidade

Segundo Zenhas (2007) o estereótipo de gênero é um grupo de ideias e concepções constituídas acerca de comportamentos e características atribuídas as mulheres e homens que são aprendidos durante o crescimento social realizados pelos responsáveis como os grupos escolares, familiares, por recursos de comunicação social que expressam seus princípios e opiniões através dos estereótipos.

O estereótipo é uma junção de conceitos que ajuda a olhar a população. Portanto, cada indivíduo tem sua compreensão, seu modo de refletir e a consequência deste entendimento e de pensamento serão usados para futuros opiniões e decisões. Segundo Asmar e Ferreira (2004), estereótipo relaciona-se a pensamentos ou um tipo de lembrança estabelecida no decorrer da vida e obtida pelas experiências vivenciadas, que intervêm e agem nas opiniões atuais.

O nível de convivência e de proximidade entre pessoas inseridas num grupo influencia diretamente a ação de julgar, bem como a quantidade de estereótipos atribuídos a determinado grupo alvo de julgamentos. Assim, de forma inversamente proporcional, quanto maior é a proximidade com um grupo propenso a julgamentos, menor será a estereotipagem direcionada aos integrantes deste - pela familiarização de causa ou comportamento.

Os estereótipos, quando associados ao gênero, agrupam características da personalidade:

[...] em dois grandes grupos segundo a similaridade do traço com a construção sociocultural dos conceitos de masculinidade e feminilidade. Assim, traços individualistas ou instrumentais (por exemplo: independente, agressivo, racional) caracterizam-se como sendo pertinentes à masculinidade e traços coletivistas ou expressivos (por exemplo: amorosa, sensível, delicada) como pertinentes à feminilidade (Melo e col., 2004, p. 252).

De acordo com Louro (1997, p.24): “Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas”.

O sexismo em sua porção perceptível costuma se expressar de maneira corriqueira, onde a mulher é vista como inferior ao homem, incapacitada de realizar papéis iguais aos deles. “Seria uma expressão mais flagrante de preconceito em relação às mulheres.” (Formiga e col., 2002, p. 106). O sexismo benévolo é perigoso por sua sutileza, pois se os sexistas hostis são facilmente identificáveis, os benévolos não o são e nunca se reconhecem como tal, legitimando suas atitudes estereotipadas e preconceituosas (Formiga e col., 2002).

Para Tinoco (2016, p. 21), a sororidade significa “[...] pacto entre mulheres, relacionado às dimensões éticas, política e prática do feminismo contemporâneo. Ou, simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo”. De acordo com Tinoco (2016), a expressão está gradativamente mais comum e retrata uma atual corrente do feminismo, indicando a união das mulheres, defendendo umas às outras, criando laços de irmandade, respeito e lutando juntas pela igualdade de gênero.

Maistro (2016, s.p) acredita que “a sororidade quebra o grande muro alto e forte que nos separa como rivais e nos faz olhar para onde realmente importa”. Segundo Scherer (2017, p. 113), “[...] pacto de aliança, de fortalecimento, de cumplicidade e deseja transformar as relações de injustiça e dominação”. A autora também traz a empatia como movimento de se colocar no lugar do próximo:

Diante do individualismo e da competitividade, importa olhar para o coletivo que gera espaços de comunhão, construções e decisões que são frutos da parceria, do diálogo, do poder do amor, da força que provém da convivência, da mutualidade e sororidade. Apoio, empatia, solidariedade são elementos libertadores para a ética feminista sendo que a partilha do conhecimento e de experiências de vida e sabedoria liberta e empodera para o crescimento. Essa partilha não ocorre de forma isolada, mas em grupo, onde mulheres planejam e agem juntas, em sororidade. (p. 113).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterização da Pesquisa

O presente estudo se classifica como uma pesquisa de natureza qualitativa, com a tipologia do tipo estudo descritivo, com o corte temporal transversal, com a análise de discurso, como técnica de análise.

4.1.1 Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa é conhecida conforme uma representação ampla. Quer dizer que, por um lado, ela entende os exercício ou averiguação que pode se denominar especificamente. Segundo Triviños (1987), a abordagem de caráter qualitativo lida com os dados procurando suas significações, dispendo como base a compreensão do fenômeno diante das suas circunstâncias.

Para Triviños (1987),

[...] uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc.) (p.132).

Segundo Bogdan & Biklen (2003), abrange a aquisição de dados descritivos, adquiridos na relação direta do investigador com o caso estudado, destaca mais o método do que o objeto e se atenta em expressar o ponto de vista dos integrantes.

4.1.2 Pesquisa Descritiva

Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva possui o propósito primordial para relatar sobre as características estipulada de população ou acontecimento ou uma determinada ligação entre os aspectos descritivos.

Para Gil (2008),

As pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade,

sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc. Outras pesquisas deste tipo são as que se propõem estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis, como, por exemplo, as pesquisas eleitorais que indicam a relação entre preferência político-partidária e nível de rendimentos ou de escolaridade (p. 28).

Gil (2002) argumenta que,

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (p. 42).

Segundo Prodanov e Freitas (2013),

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação. (p. 52).

4.1.3 Corte Transversal

No estudo transversal a estudo é executado em um breve período de tempo, em um momento estipulado, ou seja, em determinado tempo, bem como neste instante, hoje. Segundo Rouquayrol (1994) a pesquisa transversal é o estudo epidemiológico onde o motivo e efeitos são examinados no mesmo período histórico e, nos dias de hoje, tem sido o mais utilizado.

Segundo Lakatos e Marconi (2012), o corte temporal elaborado ao longo desse método referir-se-á o estudo transversal, isto é, será executado em um determinado momento de tempo por meio de entrevistas, a entrevista é uma diálogo realizada face a face, de forma sistemática; propicia ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária.

4.2 Universo de Pesquisa / Sujeitos da Pesquisa

O universo desta pesquisa foi composto pelas atletas de futsal e voleibol feminino de João Pessoa/PB. Os sujeitos do presente estudo são 20 atletas, sendo 10 atletas de futsal e 10 atletas de voleibol feminino da cidade de João Pessoa/PB, com a faixa etária de 18 até 35 anos de idade, pertencentes ou não de equipes dos referidos esportes. A escolha dos sujeitos foi intencional e não-probabilística. A presença de variantes de gênero e identidade de gênero incidiu na escolha dos sujeitos, podendo esta inserida mulheres Transexuais.

4.3 Critérios de Inclusão

Foram pesquisados todos os sujeitos que se adequaram às seguintes características:

- a) Praticar ou não regularmente o esporte em uma equipe;
- b) Ter no mínimo 5 meses de experiência no esporte na mesma equipe;
- c) Ter participado no mínimo de 1 competição;
- d) Ser voluntária no estudo e ter assinado o TCLE;
- e) Participantes com faixa etária de 18 a 35 anos de idade.

4.4 Critério de exclusão

Foram excluídos todos os sujeitos que se adequaram às seguintes características:

- f) Não ter no mínimo 5 meses de experiência no esporte na mesma equipe;
- g) Não ter participado no mínimo 1 competição;
- h) Não ser voluntária no estudo e ter assinado o TCLE;
- i) Não está na faixa etária de 18 a 35 anos de idade.

4.5 Instrumentos de coleta dos dados

Os instrumentos utilizados para coletar os dados dos sujeitos dessa pesquisa foram um questionário semiestruturado para a pesquisa intitulada: *MULHERES EM QUADRA: ENTRE RESISTÊNCIAS E ESTEREÓTIPOS I* (Apêndice II). Os instrumentos serão construídos e pré-testados pela pesquisadora para responder aos questionamentos de acordo com os objetivos do estudo, sendo composto o questionário por 30 questões entre perguntas abertas e fechadas, e o roteiro por 10 questões abertas realizadas ambas online. Para Gil (2002), “Por

questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado.” (p. 115).

Marconi e Lakatos (2003) definem questionário como sendo,

Um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. (p. 201).

4.6 Procedimentos de coleta de dados

Para a coleta dos dados, foram contatados via internet as atletas de futsal e voleibol feminino, onde foram explicados os objetivos da pesquisa e esclarecidos como será realizado o procedimento da pesquisa e solicitada à assinatura do TCLE-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I). As entrevistas foram realizadas após o consentimento com os termos presentes no TCLE. Após a aprovação das entrevistas, foram realizadas as entrevistas e questionários semiestruturados (Apêndice II) utilizando as plataformas *Google Forms* e o programa de aplicativo *Google Meet* para as coletas que foram realizadas no período do semestre de 2021.1.

Por motivos do estado de pandemia mundial de COVID-19, visando a preservação da saúde e bem-estar das participantes e do pesquisador, todas as entrevistas foram realizadas virtualmente. Depois as informações coletas nas entrevistas, foram analisadas sob a Técnica de Análise de Discurso (AD).

4.7 Design de análise de dados

Para o desenvolvimento da análise de dados, as informações obtidas serão identificadas, interpretadas e analisadas, utilizando a Técnica de Análise de Discurso (AD).

Segundo Fiorin (1990) a análise de discurso,

Deve ser visto como objeto lingüístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáxicos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos. (p. 177).

Para Pêcheux (1990),

As investigações mais recentes em Análise do Discurso consideram que é possível construir procedimentos efetivos capazes de restituir o traço da estrutura invariante dos discursos (o sistema de suas "funções") sob a série combinatória de suas variações superficiais, ou seja, descrever e explicar a estrutura presente na série de seus efeitos (p.255).

Segundo Orlandi (2007),

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (p. 15).

Para Orlandi (1997), a AD visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos (p. 26). Segundo Minayo (2007), a análise do discurso encontra-se coincidentemente entre um apoderamento linguístico tradicional e da análise de conteúdo assim como na análise dessas abordagens, salientando que elas são práticas-teóricas historicamente definidas.

Após a análise das informações obtivemos as seguintes categorias e suas variáveis: *Categoria O país do futebol e futsal, mas não para as mulheres!:* Nesta categoria trata dos estereótipos de gênero existentes nas modalidades esportivas segundo as perspectivas das atletas. Variáveis: Identidade de gênero das atletas. Percepção das discriminações sociais relacionadas ao gênero. Estereótipos presentes nos discursos. *Categoria A Influência Dos Fatores Sociais Externos No Cotidiano:* Esta categoria trata dos fatores externos sociais e econômicos que afetam a prática das modalidades investigadas. Variáveis: Apoio familiar, reforço motivacional econômico na prática do futsal e Voleibol. Percepção do entorno afetivo quanto à modalidade praticada. *Categoria O Apito Final:* Esta categoria trata das resistências e lutas que as mulheres exercem todos os dias para seguir no esporte diante do atual escopo social vigente. Variáveis: Mecanismos pessoais de enfrentamento social na prática de modalidade. Estratégias de manutenção do treinar. Dificuldades enfrentadas para a prática.

4.8 Cuidados Éticos

Será aplicado TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), solicitando consentimento das atletas, aplicada a cada um dos sujeitos investigados e obedecendo a norma 466\2012 que diz respeito à condição de dignidade humana em relação a pesquisas com seres humanos. Visando o bem-estar e saúde das participantes da pesquisa, por conta da Pandemia mundial do COVID-19, todas as entrevistas e questionários foram realizados virtualmente.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Categorias de Análise

Neste procedimento de aprofundamento dos dados, de acordo com a concepção da análise do discurso, procuramos criar categorias de análise que simplificam a identificação, interpretação e análise dos discursos dos indivíduos, que em ocasiões e dado por sua amplitude, torna árduo para categorizar.

Para organizar as categorias de forma mais simples como mostra no quadro 1, detectamos nestas referidas categorias, os códigos de recorrência nos discursos das participantes. Estes códigos foram desenvolvidos de acordo com os discursos coletados pelo pesquisador. Apresentam ligação direta com os significados e aspectos similar e/ou próximos a estes códigos. O processo sempre se dá de forma que os discursos são identificados, interpretados e analisados. Quando obtivemos 10% de recorrências investigados nos discursos analisados, os códigos foram qualificados a serem apresentados, pois dispõem de maior confiabilidade sobre o assunto no grupo estudado.

Quadro 1 – Organização das categorias e códigos

CATEGORIAS	CÓDIGOS	N	%
<i>Perfil Sociométricos dos Participantes da pesquisa</i>	<i>Idade e sexo dos praticantes</i>	N=20	100%
	<i>Esporte praticado</i>	N=20	100%
	<i>Tempo de experiência no esporte</i>	N=20	100%
	<i>Grau de formação escolar</i>	N=20	100%
<i>O país do futebol e futsal, mas não para as mulheres!</i>	<i>Identidade de gênero</i>	N=20	100%
	<i>Meninas x Meninos: Anacronismo detectado</i>	N=20	100%
	<i>Mulher macho x mulher mulher</i>	N=20	100%
<i>A Influência Dos Fatores Sociais Externos No Cotidiano</i>	<i>Associação da aceitação familiar com a prática esportiva</i>	N=20	100%
	<i>Apoio afetivo na prática esportiva</i>	N=19	95%

<i>O Apito Final</i>	<i>Discriminação Pelo Esporte</i>	N= 5	25%
	<i>Enfrentamento Social na prática esportiva</i>	N= 3	15%
	<i>A barreira das mulheres machistas</i>	N=20	100%
	<i>A carência de Sororidade feminina</i>	N=10	50%
	<i>Mulheres para além do delicado</i>	N=10	50%

Fontes: Dados da Pesquisa

5.1.1 Categoria *Perfil Sociométrico dos Participantes da Pesquisa*

Os dados sociométricos analisados, buscaram descrever os sujeitos desta pesquisa usando as seguintes variáveis: faixa etária, sexo, gênero, esporte praticado, tempo de experiência no esporte, histórico de participação em outras equipes, local do treino, condições estruturais dos locais de treino e localização. Em todas as entrevistadas são do sexo feminino e todas jogam ou já jogaram futsal e voleibol.

Códigos		N	%
	<i>Idade e sexo dos praticantes</i>		N=20
<i>Esporte praticado</i>		N=20	100%
<i>Tempo de experiência no esporte</i>		N=20	100%
<i>Grau de formação escolar</i>		N=20	100%

Fontes: Dados da Pesquisa

5.1.1.1 Código *Idade e sexo dos praticantes*

Tabela 1. Caracterização por gênero e faixa etária das participantes da pesquisa

		(n)	(%)
Sexo	Feminino	20	100
Faixa etária	Entre 20 a 24 anos	12	60
	Entre 26 a 29 anos	4	20
	Entre 30 a 36 anos	4	20
Total		20	100

Fontes: Dados da Pesquisa

As participantes da pesquisa são todas do sexo feminino, $n=20$ (100%), e com a idade variando entre 20 a 24 anos $n=12$ (60%), 26 a 29 anos com $n=4$ (20%) e 30 a 36 anos de idade $n=4$ (20%), com um total de 100%.

5.1.1.2 Código *Esporte praticado*



Fontes: Dados da Pesquisa

O gráfico apresenta que as participantes da pesquisa estão divididas em dois esportes, onde 50% ($n=10$) das entrevistadas escolheram praticar o futsal e 50% ($n=10$) das entrevistadas escolheram praticar o voleibol.

5.1.1.3 Código *Tempo de experiência no esporte*

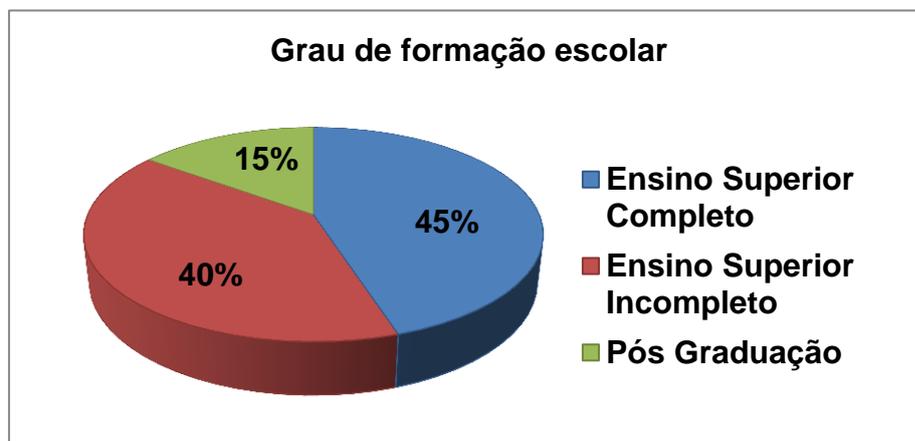
Tabela 2. Classificação do tempo de experiência no Futsal e Voleibol

		(n)	(%)
Tempo de experiência			
Futsal	Entre 4 a 20 anos	10	50
Voleibol	Entre 5 a 27 anos	10	50
Total		20	100

Fontes: Dados da Pesquisa

A tabela 2 nos mostra o tempo de experiência no esporte escolhido pelas entrevistadas. As participantes da pesquisa apresentaram que 50% ($n=10$) têm entre 4 a 20 anos de experiência no Futsal e 50% ($n=10$) tem entre 5 a 27 anos de experiência no Voleibol.

5.1.1.4 Código *Grau de formação escolar*



Fontes: Dados da Pesquisa

Segundo as informações obtidas, como mostra o gráfico 2 as entrevistadas estão divididas em 3 graus de formação: 45% (n= 9) Ensino Superior Completo, 40% (n=8) Ensino Superior Incompleto, 15% (n=3) Pós Graduação.

5.1.2 Categoria *O país do futebol e futsal mas não para as mulheres!*

Nesta categoria trata dos estereótipos de gênero existentes nas modalidades esportivas segundo as perspectivas das atletas. De diferentes formas são detectados os preconceitos na sociedade, sendo eles o preconceito com a orientação sexual, o preconceito racial, contra a mulher, com o nível socioeconômico e entre diversas formas. A princípio, os estereótipos são um dos primeiros preconceitos que estão ligados às crenças sobre as características pessoais que são atribuídas aos sujeitos ou grupos.

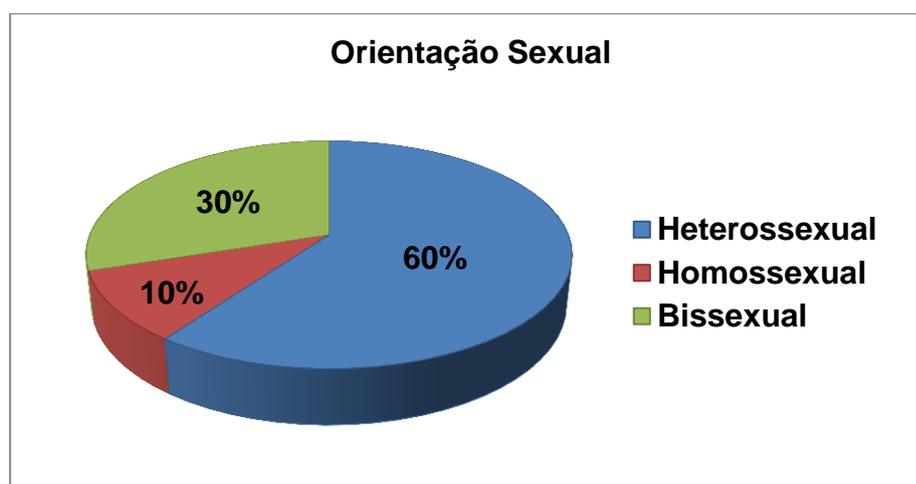
O estereótipo é uma imagem preconcebida pelas pessoas que serve para divulgar, espalhar algo sem conhecimento profundo sobre alguma coisa ou indivíduo. Segundo Asmar e Ferreira (2001), os estereótipos retratam ideias ou conceitos que foram construídos através dos anos, obtidos por vivências que intervêm e induzem sobre pontos de vista recentes.

Códigos		N	%
	<i>Orientação Sexual</i>	N=20	100%
	<i>Meninas x Meninos: Anacronismo detectado</i>	N=20	100%
	<i>Mulher macho x Mulher mulher</i>	N=20	100%

Fontes: Dados da Pesquisa

5.1.2.1 Código *Orientação Sexual*

A concepção de orientação sexual, de maneira geral, relaciona-se ao sexo ou ao gênero a qual estabelece o alvo de desejo de um indivíduo onde não segue implicada a compreensão e nem ideia, tal como, do mesmo modo não obrigatoriamente expõe uma situação do indivíduo. Para Sousa Filho (2009), as orientações sexuais estabelecem emoções e palavras de desejo e de satisfação que pode apresentar na vida do sujeito de várias formas, sem que tornem estáveis e essenciais.



Fontes: Dados da Pesquisa

De acordo com o gráfico 3, a maior parte dos participantes se considera Heterossexual $n=12$ (60%), $n=6$ (30%) se considera Bissexual, e, $n=2$ (10%) se considera Homossexual.

5.1.2.2 Código *Meninas x Meninos: Anacronismo detectado*

Este código foi construído a partir das questões: *Você concorda com os estereótipos masculinizados atribuídos às mulheres praticantes de futsal? Por quê?*

Quais seriam estes estereótipos sobre o esporte que você percebeu? Por que estes estereótipos acontecem? Trata dos aspectos encontrados nos discursos dos sujeitos, relacionados à percepção clara do avanço histórico da participação equitativa da mulher em qualquer ambiente social, esportivo e/ou econômico. Segundo Altmann (1998),

Para as meninas, por sua vez, superar as expectativas e ser melhor que os meninos no esporte era uma honra, motivo de consagração que, em algumas ocasiões e entre alguns meninos, garantia-lhes legitimidade. Noutros momentos, porém, a desvalorização de sua prática esportiva e delas como mulheres era uma maneira de resistir ao abalo que sua presença nas quadras infligia ao domínio masculino daquele espaço. (p. 98-99)

De acordo com Festle (1996), as mulheres atletas vivenciaram sempre a discriminação social de duas formas: em primeiro lugar tem as diferenças físicas, que por isso faziam ser menos capazes que os homens no esporte, e em segundo lugar acarretam que a prática do esporte masculinizava as mulheres e com isso transformando em *anormais* ou *lésbicas*, acarretando sempre que as mulheres atletas tenham que está constantemente tendo que provar que sua prática esportiva não anula sua feminilidade.

Neste sentido encontramos as falas:

Futebol/futsal ser considerado jogo p homem remete a apontamentos preconceituosos para mulheres que praticam o esporte. Fruto de uma cultura social machista (Suj. 5)

As mulheres que jogam futsal são vistas na maioria das vezes como homossexuais, são chamadas de "mulher macho", "sapatão", outros dizem que "mulher não sabe jogar", que a mulher é "frágil" demais pra jogar futsal. (Suj. 7)

A menção a masculinização da mulher que prática o futsal/futebol devido as vestimentas que se assemelham a dos praticantes homens, como também, o preconceito gerado em cima do esporte que predominantemente fora praticado por homens. Devido ao aspecto cultural do Brasil. (Suj. 17)

As vozes dos sujeitos entrevistados trazem uma clara repulsa a este lugar comum determinado pela sociedade para mulher. As jogadoras em quase um unísono remetem a um discurso coeso que transgrede o senso comum machista. No Brasil, todas as mulheres que praticam qualquer esporte que seja tido como

masculino são insultada, criticadas, masculinizadas e taxadas como homossexual. Neste sentido Butler (2003) diz que, A feminilidade não depende da sexualidade.

5.1.2.3 Código *Mulher macho x Mulher mulher*

Analisando as questões: *Você concorda com os estereótipos masculinizados atribuídos às mulheres praticantes de futsal? Por quê? Quais seriam estes estereótipos sobre o esporte que você percebeu? Por que estes estereótipos acontecem?* Este código trata dos discursos relacionados à percepção do machismo inerente que associa a figura masculina a esporte de contato onde a disputa viril acontece.

Sobre isso, Koivula (2001) fala que estes esportes que tem uma ênfase em estereótipos masculinos ou femininos, quando praticados por pessoas do sexo contrário, provocam incomodo e discriminação, ou seja, um determinado esporte socialmente percebido como masculino que demanda força, brutalidade e logica quando realizados por mulheres que possuam esses traços, com isso as pessoas agem dessa forma julgando como “mulheres-macho”.

Corroborando este código encontramos os discursos:

Não faz sentido ter preconceito, pior ainda com jeito de jogar que é o mesmo esporte com movimentos iguais As meninas são julgadas de sapatão, sofrem preconceito e são ridicularizadas. A sociedade não evoluiu e é intolerante a diferenças. (Suj. 12)

Não acontece comigo, mas já presenciei comentários do tipo: essa aí parece um macho ou joga que nem macho, recorrentemente. (Suj. 9)

As mulheres que jogam futsal são vistas na maioria das vezes como homossexuais, são chamadas de mulher macho, sapatão, outros dizem que mulher não sabe jogar, que a mulher é frágil demais para jogar futsal. (Suj 7)

As atletas investigadas se ressentem de denominações machistas que alteram a sua identidade, apenas por praticarem um esporte historicamente masculino, dado que a própria gestualidade destes esportes são conhecidas por sua atividade viril. Neste campo a mulher que apresenta uma atitude forte durante a execução esportiva é pejorativamente denomina de lésbica, que em linguajar chulo,

tem o nome de popular de *sapatão*, independentemente de esta ser homossexual ou não.

Tal terminologia é aviltante para a dignidade das atletas que tem de superar além das dificuldades de qualquer atleta brasileiro, quer seja no campo da estrutura esportiva, ou econômica, também tem de transpor os preconceitos associados a uma linguagem depreciativa de sua feminilidade, como se mulheres não pudessem exercer atividades de risco, duras ou de contato físico.

Segundo Drumontt (1980):

O machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade, tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino: Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, e que formam suas consciências: por exemplo, o sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o de inferioridade da menina (p.81).

5.1.3 Categoria A *Influência Dos Fatores Sociais Externos No Cotidiano*

Esta categoria trata dos fatores externos sociais que afetam a prática das modalidades investigadas. A influência dos familiares, amigos e relacionamentos afetivos são importantes para o desenvolvimento das atletas. Segundo Vilani e Samuslki (2002), a família é um universo social fundamental em que as jogadoras apresentam sua personalidade, auto-estima e incentivo para as vitórias nos esportes. O bom crescimento do atleta, frequentemente se deve ao incentivo da família, competência de preceitos, além do apoio psicológico no decorrer da carreira.

Códigos		N	%
	<i>Associação da aceitação familiar com a prática esportiva</i>	N=20	100%
<i>Apoio afetivo na prática esportiva</i>	N=19	95%	

Fontes: Dados da Pesquisa

5.1.3.1 Código *Associação da aceitação familiar com a prática esportiva*

Este código busca compreender como se da aceitação dos familiares das participantes da pesquisa. Neste sentido encontramos n=20 (100%). A maioria teve pela família uma boa aceitação na prática do Futsal e Voleibol. Diante disto

Machado e Presoto (2001, p. 29), falam que “na sociedade atual, percebe-se que os pais incentivam seus filhos, a pratica esportiva, com ênfase na competição. Principalmente naquela que acarretará a vitória e a divulgação do feito”. Os relatos reforçam esta ideia:

Quando iniciei, a minha mãe não concordava e até me impedia de jogar (mas eu fugia pra joga mesmo assim). Hoje em dia ela não se importa, literalmente, não se importa nem um pouco. (Suj.9)

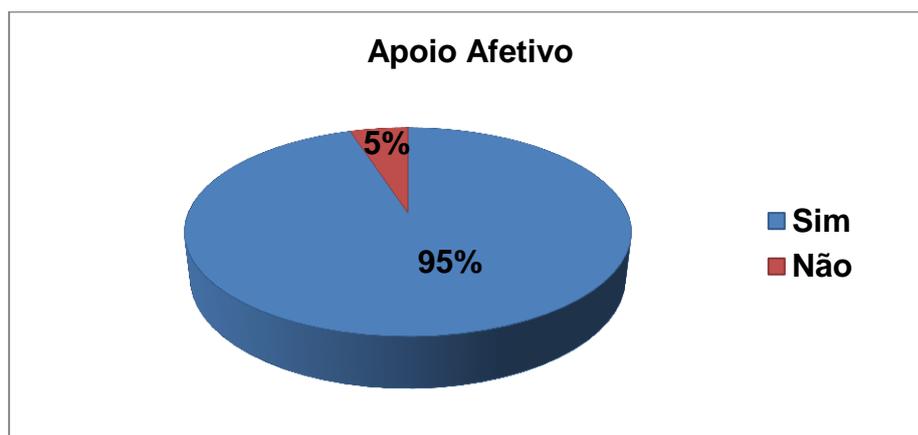
Minha família sempre me apoiou, nunca tive problemas com isso. No início, quando comecei a jogar na escola, minha irmã achava que eu era lésbica por isso. Mas, no tempo, ela não disse isso pra mim, disse pra minha mãe. Apenas anos depois, quando comecei a namorar com um homem, que eu fiquei sabendo da história. Mas mesmo assim ela me apoiava e chegou até a torcer por mim em alguns jogos. Nunca foi algo que me incomodou. Então considero sim que sempre tive apoio da minha família. (Suj.8)

Meu pai achou que era uma perda de tempo. Minha mãe gostou da ideia, minha avó incentivou depois que me viu jogar, meus amigos sonhavam junto comigo. Quanto a sexualidade, nenhum problema. (Suj.18)

Segundo as falas das participantes, os seus familiares aceitaram bem a escolha do esporte e outros não aceitaram bem, mas ao longo do processo de treinamento aceitaram e incentivaram a prática do esporte pela família é essencial para o desenvolvimento das atletas. Este fato corrobora uma mudança nas expectativas dos papéis femininos, que despeito de ter muitos paradigmas serem ultrapassados, apresenta nestes sujeitos mudanças e aceitações familiares mais evidentes.

5.1.3.2 Código *Apoio afetivo na prática esportiva*

Esse código trata de aspectos relacionados ao entorno familiar das atletas que recebem ou não recebem a devida ajuda para exercer sua prática esportiva. Conforme as informações obtidas, o gráfico 4 abaixo mostra que 95% (n=19) das entrevistadas receberam ou recebem apoio afetivo e 5% (n=1) não recebe apoio afetivo pelo simples escolha do esporte. Sendo que 95% das entrevistadas que receberam apoio, 50% (n=10) escolheram o voleibol e 45% escolheram o futsal, e 5% (n=1) que não recebeu apoio escolheu o futsal.



Fontes: Dados da Pesquisa

De acordo com Darido (2002), o futsal, em uma perspectiva de esporte masculinizante, ao ser executado por mulheres traz um preconceito por parte da sociedade e, embora tenha uma expansão na prática do futsal e sua ampliação nas áreas escolares, a discriminação não deixou de existir.

O conhecido machismo de nossa sociedade está refletido neste discurso, o primeiro e inicial espectro social, que é a família, não entra como suporte à prática. Mais bem, se coloca como um empecilho e elemento de descrédito para atleta. Apesar de termos achado apenas um discurso nesta direção, ele é representativo nos dias atuais, pois reflete um até então disfarçado sexismo, em que a mulher tem espaços limitados e precisa investir mais energia que os homens para transpô-los.

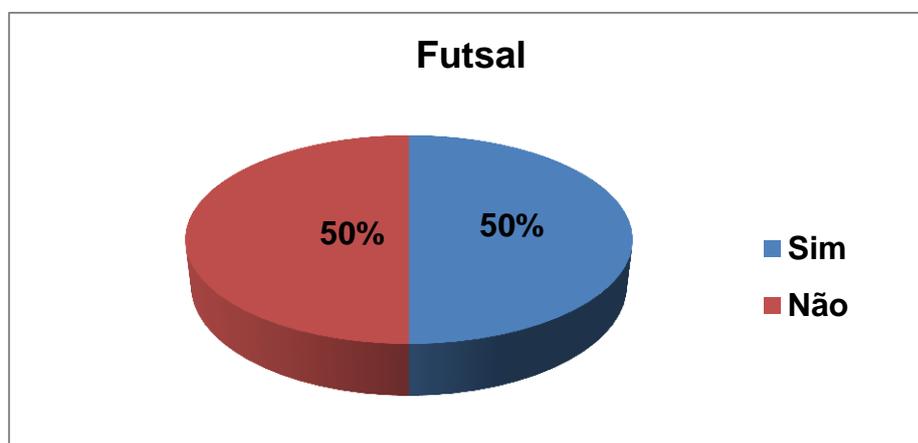
5.1.4 Categoria *O Apito Final*

Esta categoria trata das resistências e lutas que as mulheres exercem todos os dias para seguir no esporte diante do atual escopo social vigente. A datar da década de 60, de acordo Alonso (2002), no meio esportivo e social a presença das mulheres atletas causaram tumulto, com isso gerou preconceitos e indiferenças que marcaram a trajetória das mulheres atletas. Marcando também a desconstrução do padrão feminino, que as mulheres não podiam escolher praticar de um esporte considerado masculino.

Códigos		N	%
		<i>Discriminação sentida pelas pessoas que praticam Futsal e Voleibol</i>	N= 5
	<i>Enfrentamento social na prática esportiva</i>	N= 3	15%
	<i>A barreira das mulheres machistas</i>	N=20	100%
	<i>A carência de Sororidade feminina</i>	N=10	50%
	<i>Mulheres para além do delicado</i>	N=10	50%

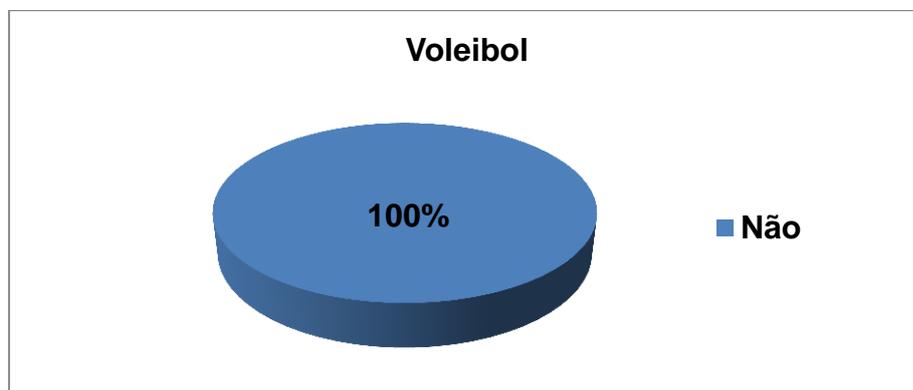
Fontes: Dados da Pesquisa

5.1.4.1 Código *Discriminação sentida pelas pessoas que praticam Futsal e Voleibol*



Fontes: Dados da Pesquisa

De acordo com o gráfico a cima, 50% n= 5 dos sujeitos se sentem e já sofreram discriminação por escolherem praticar o futsal e 50% n=5 dos sujeitos não se sentem e não sofreram discriminação por praticarem o futsal.



Fontes: Dados da Pesquisa

De acordo com os dados obtidos no gráfico a cima, 100% n= 10 das entrevistadas que escolheram pratica o Voleibol, não se sentiram discriminadas pela

escolha do esporte. Dessa maneira vimos que nos dois gráficos, na totalidade das atletas de voleibol nenhuma das meninas se sentiram discriminadas por escolherem o vôlei por ser um esporte considerado feminino e o futsal por ser um esporte considerado masculino. Foi observada muita discriminação em relação a mulheres jogadoras de futsal, por conta de não ser um esporte incompatível com as condições da natureza feminina, ou seja, por não ser um esporte delicado com características femininas. Neste sentido observamos que 50% das entrevistadas que escolheram o futsal como seu esporte, já se sentiram discriminadas e sofreram preconceitos por sua simples escolha de jogar bola.

Segundo Nunan (2003), a discriminação pode ser determinada como um comportamento desagradável ou ofensivo contra certos grupos ou indivíduos, fundamentados em propagações infundadas e enganosas.

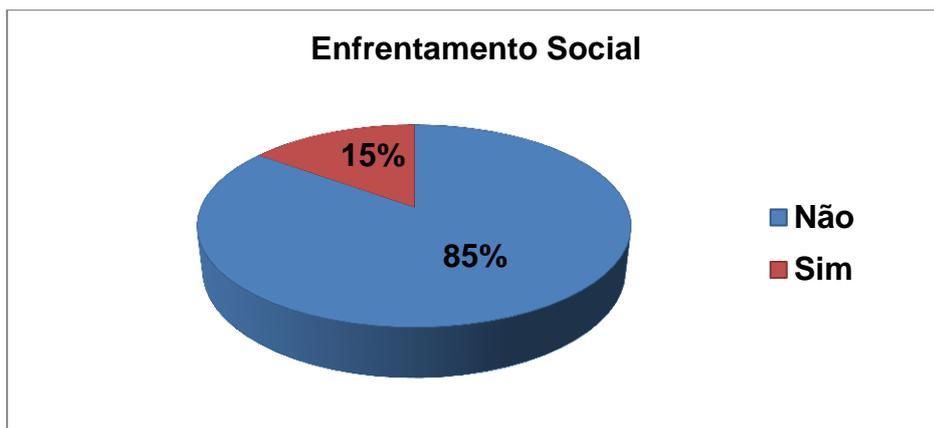
[...] Esta generalização é chamada de estereótipo e significa atribuir características pessoais ou motivos idênticos a qualquer pessoa de um grupo, independentemente das variações individuais. Os estereótipos são ao mesmo tempo a causa e a consequência do preconceito, e ambos (estereótipo e preconceito) geram discriminação contra o grupo-alvo. [...] No que se refere à discriminação, esta pode ir desde um tratamento diferenciado, passando por expressões verbais hostis e de desprezo, chegando ou não a atos manifestos de agressividade (p. 59).

5.1.4.2 Código *Enfrentamento Social na prática esportiva*

Este código trata dos enfrentamentos sociais sofridos pelas entrevistadas, onde as mulheres precisam lutar constantemente contra a desigualdade de oportunidades para profissionalização nos desportos ou em qualquer ambiente que sejam caracterizados como masculino.

Segundo Judith Butler (2018)

[...] na minha visão, a ação em conjunto que caracteriza a resistência é algumas vezes encontrada no ato do discurso verbal ou na luta heroica, mas também nos gestos corporais de recusa, silêncio, movimento e recusa em se mover que caracterizam os movimentos que representam os princípios democráticos da igualdade e os princípios econômicos da interdependência na própria ação por meio da qual reivindicam um novo modo de vida, mais radicalmente democrático e mais substancialmente interdependente. (p.238)



Fontes: Dados da Pesquisa

De acordo com os dados coletados da pesquisa, 85% n= 17 disseram que não sofreram enfretamento social na escolha do esporte. Já 15% n= 3 tiveram algum enfretamento social ao escolher o futsal.

Corroborando este código encontramos os discursos:

Precisei ser muito cabeça firme pra não me deixar levar pelos olhares de preconceito e os comentários negativos. (Suj.3)

Acho que da sociedade em geral. Ainda há muito preconceito com as mulheres que jogam, a gente tem que se reafirmar o tempo todo e não baixar a cabeça, porque boa parte das pessoas sempre querem ditar o que a gente deve ou não fazer, qual esporte devemos ou não praticar. Então vez ou outra a gente se pega num enfretamento social. (Suj.7)

Com a minha mãe, especificamente, mas também com a sociedade no geral, pois praticar um esporte extremamente estereotipado é um enfretamento diário. (Suj.9)

5.1.4.3 Código *A barreira das mulheres machistas*

Este código trata das questões referentes ao preconceito que as mulheres não-praticantes de esporte têm contra as mulheres que praticam qualquer esporte que tenha contato mais forte. Como indicam Figuerôa e Moraes e Silva (2014, p.17), “inúmeras questões e preconceitos ainda pesam sobre as mulheres atletas”.

Segundo Hart (apud AZEVEDO, 1988),

A própria mulher se questiona quando penetra o mundo dos desportos, pois, ao demonstrar alguma habilidade atlética ou técnica, ela não é admirada pelas suas habilidades e sim porque pode mover-se como um homem. Isto faz com que pergunte a si própria: se sou mulher, porque gosto de desportos? (p. 27)

Neste sentido encontramos as falas:

Algumas mulheres também possuem preconceito, demonstrando estranheza quando vê ou quando alguma outra mulher diz que joga futsal. (Suj. 2)

Então quando as mulheres querem fazer um esporte de contato e que na grande maioria é praticado por homens, há um estranhamento em algumas mulheres. Acho que antes, há anos atrás, esse preconceito era maior, hoje cada vez mais mulheres estão aderindo a esse esporte e isso é muito positivo para nós. (Suj.8)

Sim. O próprio preconceito com o esporte em si sendo praticado por mulheres. (Suj.15)

Preconceito estrutural na e da cultura. Crescemos ouvindo que futsal é um esporte masculino! (Suj.16)

Segundo as falas das entrevistadas, a cultura machista não está só enraizada e segue sendo praticada pelos os homens, mas também pelas mulheres que não praticam nenhum tipo de esporte. Para algumas mulheres a cultura enraizada de que elas devem ser *donas de casa* ainda é grande. Com isso quando outras mulheres se tornam atletas o preconceito é imensurável. Dessa maneira a forma como a discriminação são expressadas pelas mulheres não praticantes com estranhezas, vista como uma anomalia.

De acordo com Nunan (2003 apud CECHIN, 2006, p. 11) “pode ir desde um tratamento diferenciado, passando por expressões verbais hostis e de desprezo, chegando ou não a atos manifestos de agressividade”.

5.1.4.4 Código *A carência de sororidade feminina*

Este código trata da falta de apoio que as mulheres atletas sofrem ao escolher prática de esporte de contato, que são trazidos como esportes masculinos. Essa omissão de amparo entre uma mulher para com a outra está associado ao machismo, onde as mulheres são julgadas por suas atitudes, pois corroborando papéis femininos estereotipados na *sociedade*, as atletas estão exercendo um papel que a elas não lhes cabe.

Sororidade é uma ideia de propor empatia e solidariedade entre as mulheres de acordo com Morais (2019). Mas quando se trata de mulheres atletas, é mister perceber a imensa fonte de julgamentos e comentários ofensivos contra elas que são apresentados pelas próprias mulheres. Para Souza (2016, p.53), “quando

agimos como se fossemos rivais perdemos a força que poderíamos ter caso usássemos a sororidade para nos empoderar”

Corroborando este código temos as falas dos sujeitos:

Muitas mulheres são machistas, assim como a sociedade. Então a figura de uma mulher que prefira uma chuteira a uma maleta de maquiagem causa sim olhares diferenciados. Isto é, numa cultura machista a mulher que pratica o esporte não se encaixa no perfil de "mulher feminina". (Suj.5)

Falta ainda muita sororidade para as mulheres, devido a nossa cultura machista, muitas mulheres também adquirem e vivem dentro dessa visão. Não somos educadas a defender essa ideia da empatia, solidariedade e companheirismo pelas mulheres. (Suj.19)

É nítido ver nas falas das entrevistadas a falta de sororidade e empatia com as mulheres atletas, onde a sociedade traz enraizado o machismo na sua cultura. Existem várias formas e níveis de se praticar a sororidade: começando por aceitar e respeitar o modo de viver das mulheres, quebrando esses conceitos machistas que se referem a estas e menosprezam outras mulheres. As mulheres quererem respeito, empatia e sororidade é algo normal. “Em outras palavras, nascer um ser do sexo feminino significa para a nossa sociedade ter menos direitos, menos liberdade e mais deveres do que os homens” (SOUZA, 2016, p.52).

5.1.4.5 Código *Mulheres para além do delicado*

Este código trata da cultura machista e sexista que as mulheres sofrem ao estarem praticando esportes de contato ou qualquer esporte que tenha uma conotação de serem somente para homens. Para uma sociedade de conotações machistas, as mulheres deveriam praticar esportes delicados, sem contato e que sejam mais femininos, para que estas não deixem de ser femininas e delicadas.

Segundo Roveri; Soares (2011),

Quando nasce uma menina, logo a embrulham em cor-de-rosa, selam-na e estampam-na com uma marca: Barbie. Sua mãe a enfeita com laços, fitas e apetrechos que evocam a imagem da deusa, fada loura e fiel companheira de todas as garotas. É preciso fazê-la crescer meiga, graciosa, delicada. Ensiná-la a ser menina, sensível e romântica... (p. 148).

Corroborando este código encontramos os discursos:

As mulheres também são educadas e inseridas em uma cultura machista, e assim a reproduzem em seu meio, praticando o preconceito e conservando valores machistas/sexistas. (Suj.9)

Muitas mulheres são ensinadas e a própria sociedade impõe que elas devem ser bem *femininas* e gostarem de coisas delicadas. (Suj.8)

Por julgarem que elas não se enquadram e que são subversivas ao que a sociedade e os padrões patriarcais determinam. (Suj.11)

Julgam opções sexuais e sugerem um padrão de comportamento mais "feminino". (Suj.12)

Com isso a sociedade machista e a mídia de massa reforçam os conceitos de que as mulheres devem ser mais femininas e delicadas no esporte, para que a sua beleza e sensualidade sejam retratadas e enaltecidas, pois não estão querendo ver seu desempenho ou um jogo eficiente, pelo contrário busca-se um referencial calcado na imagem de beleza feminina estereotipada. De acordo com Franzini (2005, p. 316-317), “ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino”.

Segundo Bruhns (2000,) a mulher, seja em qualquer esporte, sempre foi visada não por seu desempenho e seus feitos, mas sim pelo seu encanto e sensualidade de acordo com o que a mídia descrevia. O esporte em si, nesta perspectiva, não está associado ao jogo de alta qualidade técnica, mas sim na beleza das jogadoras, as curvas do seu corpo e pernas, quando estavam uniformizadas. Neste contexto a identidade feminina no esporte estava relacionada ao retrato divulgado e comercializado pela indústria cultural, produzindo um modelo de beleza feminino, que enaltece de maneira mais frequente a beleza do esporte relacionada à própria beleza do corpo das atletas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante anos, as mulheres tiveram de lutar muito para conquistar espaço nos esportes, pressionando para que as portas se abrissem, de modalidade em modalidade desportiva, de disciplina em disciplina. A presença feminina nos desportos sempre foi carregada de obstáculos e proibições, bem como de batalhas e resistências durante toda a história. A mulher como símbolo de modelo frágil, vem se tornando coisa do passado, especialmente no cenário esportivo.

Nos dias de hoje, a tendência das mulheres é ultrapassar todos os limites físicos e emocionais no esporte, posicionando-se em pé de igualdade com atletas do sexo masculino. Este estudo procurou compreender a presença de estereótipos sexistas existentes nas modalidades esportivas de Futsal e Voleibol Feminino na cidade de Joao Pessoa/PB. Neste sentido encontramos pessoas compostas por uma variedade de pensamentos, estratos sociais distintos e diversidades de orientações sexuais e também de condições pessoais.

O presente estudo se caracterizou como uma pesquisa de natureza qualitativa, com tipologia de estudo descritiva, com corte temporal transversal e teve a análise de discurso como técnica de análise. O universo da pesquisa foi composto por 20 atletas, sendo 10 atletas de futsal e 10 atletas de voleibol feminino da cidade de João Pessoa/PB, com a faixa etária de 18 até 35 anos de idade. Para a coleta de dados foram feitas entrevistas e questionários, utilizando as plataformas Google Forms e Google Meet. Por motivos de pandemia mundial da Covid-19, todas as entrevistas foram realizadas virtualmente.

Ao identificarmos as diferenças da percepção de gênero presentes nas mulheres praticante de futsal e voleibol, percebemos que as praticantes do futsal sofrem mais preconceitos de gênero que as praticantes do voleibol por causa das diferenças de gênero, físicas, e principalmente por escolherem praticar um esporte considerado masculino, acarretando sempre que as mulheres atletas tenham que estar constantemente tendo que provar que sua prática esportiva não anula sua feminilidade. A predominância do preconceito em relação à sexualidade é intrínseca ao futsal e este estudo mostrou este fato. As mulheres que praticam o futsal são sujeitas a vários tipos de dificuldades pela hegemonia de uma utopia social que deduz erroneamente que o futsal vai masculinizá-las. As vozes dos sujeitos

entrevistados trazem uma clara repulsa a este lugar-comum, determinado pela sociedade para a mulher.

As tipologias de preconceitos de gênero e de extrato social existentes no âmbito do futsal e voleibol feminino são enormes. A presença das mulheres no esporte historicamente já gerou preconceitos e indiferenças que marcaram a trajetória das primeiras mulheres atletas, e este fato segue ainda nos dias atuais, em menor grau, mas principalmente nas atletas de futsal. As várias formas de se detectar o preconceito e os estereótipos sexistas são um dos primeiros tipos de discriminação existentes. As mulheres atletas vivenciam o preconceito social e de gênero pela simples escolha do esporte, pois para a sociedade machista vigente as mulheres que escolhem o futsal são estereotipadas como seres masculinizados pelo simples fato de estarem praticando um esporte considerado masculino.

Os fatores sociais externos no cotidiano das atletas de futsal e voleibol femininos encontrados apontam que a influência dos familiares, amigos e relacionamentos afetivos, são importantes para o desenvolvimento físico, técnico e emocional das atletas. Quanto à aceitação das famílias das participantes da pesquisa em relação aos esportes praticados, verificamos que seus familiares aceitaram bem as escolhas das entrevistadas, mas outras famílias em menor quantidade, não as aceitaram no início de suas escolhas esportivas. Os discursos demonstram que com o tempo, estas famílias reativas começaram a aceitar e incentivar a prática. Desta forma as entrevistadas passaram então a receber apoio afetivo dos seus familiares.

As mulheres sofrem preconceitos de todos os lados, pois para a sociedade machista e sexista as mulheres atletas estão exercendo um papel que a elas não lhes cabe. A falta de sororidade e empatia para com estas atletas são muitas, onde mulheres da própria família ou do seu círculo pessoal, não defendem as mulheres atletas. Os discursos apresentam que estas as julgam com comentários e olhares estranhos. Pois para o senso comum machista, as mulheres deveriam praticar esportes *delicados*, sem contato e que fossem *femininos*.

Acreditamos que apesar de todos os enfrentamentos sociais, preconceitos e estereótipos de gênero relatados em seus discursos, sofridos pelas mulheres atletas, a prática esportiva feminina vem se tornando cada vez mais popular e seu preconceito será superado neste país. A mulher atleta é o símbolo da mulher moderna da atualidade com determinação e garra para superar os

enfretamentos e discriminações, buscando ultrapassar seus limites e romper os paradigmas dos antigos padrões e papéis sociais a estas impostas. E esta é uma luta constante quer seja numa quadra ou na vida.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, M. B. (2000). **Doing sport psychology**. Lower Mitchan: Human Kinetics.
- ALTMANN, Helena. **“Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física”**. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 111p
- ALONSO, Luiza Klein. **Mitos femininos no esporte. I Fórum de debates: Mulher & Esporte- Mitos e verdades**. São Paulo, 28 jun. 2000, p.11-14. Disponível em: Acesso em: 28 jul. 2004.
- ASMAR EML, Ferreira MC. **Estereótipos e preconceitos de gênero, liderança e justiça organizacional: controvérsias e sugestões para uma agenda de pesquisa**. In Lima, MEO, Pereira ME. (Orgs.). Estereótipos, preconceito e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: EDUFBA; 2004. 89-116.
- AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro. **A mulher e a atividade desportiva: preconceitos e estereótipos**. (Análise de periódicos especializados em Educação Física 1932 a 1987). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal Fluminense, 1988.
- BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira. **Tempos e Memórias do Feminismo no Brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: . Acesso em: 10 jan. 2016.
- BELLO, Nicolino; ALVES, Ubiratan Silva. **Futsal: conceitos modernos**. São Paulo: Phorte, 2008.
- BORDO, Susan. **“O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropriação feminista de Foucault”** In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. (Orgs.). Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997 a. p. 19-41.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRUHNS, Heloisa T. **Futebol, Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas - SP: Papirus, 2000.
- CAMPS, Victoria. **O século das mulheres**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- CAPITANIO, A M. (2004). **Contexto social esportivo: fonte de stress para a mulher?** Disponível: www.efdeportes.com/ Revista Digital. Buenos Aires Año 10 N 78. Ano 2004.

DRUMONTT, Mary Pimentel. **Elementos Para Uma Análise do Machismo**. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

FESTLE, M.J. (1996). **Playing Nice: politics and apologies in Women's Sports**. New York: Columbia University Press.

FIORIN, J. L. **Tendências da análise do discurso**. Estudos Linguísticos, v.19, p.173-9,1990.

FIGUERÔA, K. M.; MORAES E SILVA, M. **Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira**. Revista da Associação Latino-americana de Estudos Sócio-culturais do Esporte, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 16-31, 2014.

FORMIGA, N. S.; GOUVEIA, V. V.; SANTOS, M. N. **Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 103-111, jan.-jun. 2002.

FRANZINI, F. **Futebol é “coisa para macho”?** Pequeno Esboço para uma História das Mulheres no País do Futebol. Rev. Bras. de História, vol. 25, n. 50, p. 315-328, dez. 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HARGREAVES, J. **Sporting females. Critical issues in the history and sociology of women's sports**. Londres: Routledge, 1994. _____. **Heroines of sport: the politics of difference and identity**. New York: Routledge, 2000.

KOSAKA, L. (2005). **Os desafios da mulher no ambiente esportivo**. Disponível: www.wmulher.com.br. Acessado dia 08 de maio de 2005.

KNIJNIK, J. D. & VASCONCELLOS, E G. (2003). **Mulheres na área no país do futebol perigo de gol**. In: Mulher e Futebol: mitos e verdades (Org.) SIMÕES, A São Paulo: Manole, p. 165-175.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, A. A.; PRESOTO, D.; **Iniciação esportiva: seu redimensionamento psicológico**. In: BURITI, M. A.(Org.) Psicologia do esporte. 2 ed. Campinas:editora Alinea, p.19-48, 2001

MAISTRO, Suelen. **O que é sororidade x rivalidade feminina**. 22 fev. 2016. Disponível em: <http://maepop.com.br/o-que-e-sororidade-x-rivalidade-feminina/> acesso em 22 jan. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2012.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, G. F.; GIAVONI, A.; TROCCOLI, B. T. **Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas**. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 3, p. 251-256, set.-dez. 2004.

MORAIS, Yasmin. **O Que é o Sororidade?**. QG Feminista, 2019. Disponível em: <https://qgfeminista.org/o-que-e-sororidade/> Acesso em: 29 out. 2020.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n.2, p. 9-41 2000.

OLIVEIRA, Caroline Silva. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário**. Monografia (Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Apresentação da AAD. In: GADET, F., HAK, H. **Por uma análise automática do discurso** (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux). Campinas: Pontes, 1990.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, história e poder**. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010 Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>

PISCITELLI, Adriana. Recriando a categoria mulher? In: ALGRANTI, Leila (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos didáticos, n. 48, Campinas: IFCH-UNICAMP, 2002, p. 2.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universiade Freevale, 2013.

ROMERO, Elaine. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.

ROVERI, F.; SOARES, C. L. Meninas! **Sejam educadas por Barbie e com a Barbie**. *Educar em Revista*, v. 41, p. 147-163, 2011.

SOUZA, B. **Vamos juntas? O guia da sororidade para todas**. 1a Ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016. 144 p.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99. Jul./dez. 1995.

SCHERER, Cristina. **Princípios da Sororidade na Vida e na Bíblia**. CONGRESSO LATINOAMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 5., 2017, São Leopoldo. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 5, 2017. | p.112-127.

TINOCO, Dandara. **Sororidade, substantivo feminino, por Dandara Tinoco**. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230> acesso em 18 de abril de 2018.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. **Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes**. In Silame Garcia, Emerson; Lemos, Kátia Lúcia Moreira. Temas atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.

ZENHAS, A. **Estereótipos de gênero**. 2007. Disponível em: www.educare.pt. Acesso em: 14 mar. 2007.

APÊNDICE I**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**
(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Prezado (a) atleta: _____

O Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa sobre **MULHERES EM QUADRA: ENTRE RESISTÊNCIAS E ESTEREÓTIPOS**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pelo Professor DR. Marcello Fernando Bulhões Martins e pelo discente Janiny Cruz De Oliveira que exerce o papel de pesquisador e autor da pesquisa, ambos pertencentes ao **DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DEF/CCS/UFPB**. Sua colaboração é muito importante.

O objetivo do estudo é compreender a presença de estereótipos sexistas existentes nas modalidades esportivas de Futsal e Voleibol Feminino no Brasil. A finalidade deste trabalho é contribuir para que ocorram maiores reflexões sobre a contra a discriminação e preconceito que rodeiam as mulheres atletas, que buscam a aceitação da sociedade por suas escolhas esportivas.

Solicitamos a sua colaboração para responder ao roteiro, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Entendemos que o roteiro proposto nesta pesquisa oferece riscos considerados mínimos à saúde e a integridade física e moral dos sujeitos investigados, e serão informados de que não sofrerão danos com a pesquisa e que os benefícios adquiridos com esta pesquisa serão esclarecidos a população estudada. Onde as coletas dos dados, serão realizadas em um ambiente salubre.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, gratuita e seu anonimato estarão garantidos. Portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo (a)

Pesquisador (a). **Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação nas atividades** que vem realizando na Instituição.

O aluno pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, **declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.**

Assinatura do Participante da Pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para:

Professor orientador: DR. Marcello Fernando Bulhões Martins

Telefone: (083) 99613-7666

Aluno pesquisador: Janiny Cruz De Oliveira

Telefone: (083) 99848-7403

Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Centro de Ciências da Saúde – CCS,
Departamento de Educação Física – DEF. Cidade Universitária, CEP 58.059.900,
João Pessoa, Paraíba, Brasil. Telefone: (83) 3216-7030.

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade
Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 –
João Pessoa/PB; ☐ (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

APÊNDICE II**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA SEMINÁRIOS DE MONOGRAFIA I
QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO**

Cara atleta. Bom Dia/ Boa Tarde/ Boa Noite. Meu nome é Janiny Cruz De Oliveira, sou estudante do curso de Educação Física - Bacharelado da Universidade Federal da Paraíba. Esse roteiro tem como objetivo coletar dados para serem utilizados em meu trabalho de conclusão de curso intitulado: ***Mulheres em Quadra: Entre Resistências e Estereótipos***, orientado por Dr. Marcello Fernando Bulhões Martins. Desde já agradeço por sua disponibilidade a essa pesquisa. Solicitamos a sua colaboração para responder o questionário como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia).

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, gratuita e seu anonimato estará garantido. O (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo (a) Pesquisador (a). **Caso decida participar do estudo marque um x na opção.**

- () **Sim Concordo e estou ciente das características da pesquisa**
() **Não concordo e não vou responder**

Agradecemos a todas as atletas de futsal e voleibol que o responderam, pois estarão contribuindo, efetivamente, nesta investigação.

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO COM AS ATLETAS DE FUTSAL E VOLEIBOL FEMININO

Data ___/___/___ Data de nascimento ___/___/___

Nome: _____

I Categoria Socioeconômico e Cultural

1. Idade: _____.
2. Sexo: () F () M
3. Qual o esporte você pratica? () Futsal () Voleibol
4. Há quantos anos joga Futsal _____ (anos)
Voleibol? _____ (anos)
5. Grau de formação escolar?
() ensino fundamental
() ensino médio
() ensino superior completo
() ensino superior incompleto
() Pós graduação
6. Há quanto tempo atua em uma mesma equipe? _____ (em anos)
7. Qual é o local do seu treino?

8. RECEBE/RECEBIA alguma remuneração para jogar? Se positivo, quais valores recebidos pela atuação na área? _____ (R\$).
9. Quais outras equipes, você já participou?

10. Quais eram os locais dos treinos?

11. Quais as condições estruturais do local de treino?
() Quadra coberta com piso adequado
() Quadra coberta com piso inadequado
() Quadra descoberta com piso inadequado
() Quadra descoberta com piso adequado
() praça de rua
() presença de banheiro feminino
() Bebedouro
() Quais outros? _____
12. Como se estabelece as Frequências dos treinos?
() 1x /semana
() 2x /semana
() 3x /semana
() 4x /semana
() 5x /semana

13. Qual a duração dos Treinos?

- 1 hora
- 2 horas
- 3 horas
- 4 horas

14. Quais os materiais do seu treino?

- bolas Quantas? _____
- redes
- cones
- Outros. Quais? _____

II Categoria *Isso é pra Mulher?*

1. Qual a sua Identidade Sexual?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Homem Trans
- Mulher Trans
- Outros. Quais? _____.

2. Sua identidade sexual é vista de forma discriminada na sua equipe?

- Sim Não

Se positivo, de que maneira?

3. De alguma forma você se sente discriminada por praticar Futsal ou Voleibol?

- Sim Não

Se positivo, de que maneira?

4. Você concorda com os estereótipos masculinizados atribuídos às mulheres praticantes de futsal?

- Sim Não

Porque? _____

5. Quais seriam estes estereótipos sobre o esporte que você percebeu?

6. Por que eles acontecem?

7. Você acredita que existe preconceito de mulheres não praticantes de futsal para/com as praticantes?

() Sim () Não

De que maneira e por quê?

8. Para você, qual sexo é o mais preconceituoso quando o assunto é a prática esportiva por mulheres?

() Homens () Mulheres

III Categoria A Influência dos Fatores Sociais Externos no Cotidiano das atletas

1. Recebe o apoio afetivo na prática do Futsal/Voleibol?

() Sim () Não

1.1 De quem? (pode marcar mais de uma questão)

- () Família/Pai
- () Família/mãe
- () Avós
- () Tio/as
- () Amizades
- () Relacionamentos afetivos

2. Como sua família reagiu quando souberam que você iria praticar o futsal/voleibol? Teve algum tipo de ajuda?

() Sim () Não

Se positivo, de que maneira? _____.

3. Sofreu alguma tipologia de crítica?

() Sim () Não

Se positivo, de que forma? _____.

4. Recebe algum incentivo financeiro da família para a prática do futsal/voleibol

() Sim () Não

Se positivo, de que maneira/quanto? _____.

De quem? _____

IV Categoria O Apito Final

1. Teve algum enfrentamento social ao escolher praticar o futsal ou voleibol?

() Sim () Não

Se positivo, de que maneira/ com quem?

2. Teve alguma dificuldade financeira/ falta de apoio na prática do esporte?

() Sim () Não

Se positivo, de que maneira? _____.